

Haddad e o pensamento dialético

Livro esmiúça ideias de 161 pensadores

José Eli da Veiga

EU& Valor - sexta, 8 de abril de 2022, p. 30

O Terceiro Excluído - Contribuição para uma Antropologia Dialética

Fernando Haddad

Editora Zahar, 288 págs. - R\$ 64,90

O mote que intitula tão instigante lançamento deve ser familiar aos que tenham memória de alguma aula, ou leitura, sobre Lógica. Mesmo que só introdutória. Trata-se da terceira das “Três Leis do Pensamento”, na Lógica clássica. A que estipula o seguinte: “ou esta proposição é verdadeira, ou sua negação é verdadeira”. Proíbe supor que algo possa ser e não ser ou estar e não estar, em flerte com a ideia de contradição, que prefere “e” a “ou”.

Contudo, desde a década de 1940, os melhores matemáticos dedicados à Lógica passaram a “tolerar” o dito terceiro excluído. A partir de 1975, esta dimensão contemporânea da Lógica, tolerante à contradição, começou a se internacionalizar, com as denominações de “lógica paraconsistente” ou, simplesmente, “paraconsistência”.

Precioso relato deste importante movimento de ideias está em livro dos professores Evandro Luís Gomes e Ítala M. Loffredo D’Ottaviano, publicado, em 2017, pela Editora da Unicamp. Com justíssima homenagem ao pioneirismo brasileiro, graças às pesquisas do emérito matemático Newton da Costa, hoje com 93 anos. E, como não poderia deixar de ser, reflexões sobre a obra do mais influente precursor da Lógica moderna, o grande filósofo Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831), fonte basilar do que se entende por dialética.

Fernando Haddad, doutor em filosofia e professor de ciência política da USP, oferece contribuição para uma antropologia que venha a ser dialética, como avisa o subtítulo do livro. Depois de esforço hercúleo para explicar como - e, sobretudo, por que - aquela que é a mais abrangente disciplina das humanidades ficou prisioneira da antediluviana “terceira lei do pensamento”.

Mas, atenção. O resultado está longe de ser voltado a antropólogos, pois todas as outras ciências humanas são tributárias do que eles buscam: o entendimento da humanidade como fenômeno biológico, social e cultural. Além disto, todas as outras áreas do conhecimento também precisarão ir na direção da dialética, ou do ‘terceiro incluído’, por mais que isto tenha virado heresia.

Como foram os marxistas que se apoderaram deste “caminho entre as ideias”, tornando-o doutrina de Estado - em vez de deixá-lo nos âmbitos da ciência e da filosofia -, foi inevitável a decaída da dialética. Que já havia começado com a involução do marxismo, desde a revolução russa, mas que foi banida, ou melhor,

“cancelada”, após os horrores dos autoritarismos soviético e chinês. Pior: os mais conhecidos filósofos dialéticos do século passado foram muito infelizes ao se distanciarem das ciências, na contramão de Marx. A amplitude tomada pelas obscuridades e pelos erros, que frequentemente afetam alusões à dialética (não só entre seus adversários, mas também, e talvez ainda mais, entre seus defensores), obriga a uma volta a seus pressupostos básicos, para possibilitar clara compreensão de sua originalidade e de sua pretensão.

Aí está um dos cruciais méritos desta obra, prestes a ser lançada pela Zahar. Será um ótimo sopro de renovação do pensamento dialético, que, superando o marxismo, precisa sair em busca de “um novo horizonte utópico”, como logo diz o título da apresentação. Aplicado, essencialmente, - pasmem! - à linguística de Noam Chomsky, mas transitando, simultaneamente, pela biologia, sociologia e, claro, filosofia.

Tudo com o propósito de mostrar que a segunda natureza, que chamamos de cultura, é produzida pela linguagem simbólica. Entronizando a contradição nas ciências humanas, “se quisermos abrir caminho para encontrar a humanidade”.

O leitor logo perceberá que a contribuição de Haddad demandará muito estudo, escrutínio e auditoria. Pois o autor esmiúça, cuidadosamente, as ideias de 161 pensadores, em maioria das biociências (45), da antropologia (39), da filosofia (30), assim como de muitos economistas (15), linguistas (12) e psicólogos (9). Serão muito úteis, então, os ótimos glossário e índice, que denotam o alto padrão editorial.

Uma das discussões mais oportunas que este livro provocará, diz respeito à interpretação do cerne da teoria darwiniana, por ele considerada não dialética. Porém, pode-se pensar que o processo que Darwin chamou de “seleção natural” tenha como âmago a contradição entre imensuráveis variações aleatórias e pressões das circunstâncias ambientais. E que é desta contradição que emergem as novidades, mais adaptáveis, aptas, ou contingentes, replicadas após abundantes triagens. Uma relação triádica, à la Hegel.

No entanto, o autor optou por limitar e reduzir a dinâmica da evolução biológica à “fórmula variação/seleção”, por forte influência do biólogo Ernest Mayr e do economista Abba P. Lerner. Assim, nela identificou uma relação diádica, incompatível com a dialética.

O que o leva a contrapor o neologismo “evoluir” ao verbo evoluir, para proclamar que a cultura não evolui. Novidade que, no primeiro capítulo, aparece como hipótese, mas adiante vira um ambicioso novo “conceito”.

Esta é uma das questões que o autor certamente poderá esclarecer em entrevista online, sobre o livro, programada pelo IEA/USP para a manhã de quarta-feira 20 de abril: <http://www.iea.usp.br/eventos/>

= = =

José Eli da Veiga é professor sênior do Instituto de Estudos Avançados da USP: www.zeeli.pro.br